



BRAGA, Dulce. **Sabor de Maboque**. 4.ed.
Campinas: Pontes, 2012. 258p. ISBN 8571132992.

SABOR DE MABOQUE, A MAGIA MULTIFACETADA DA ÁFRICA

Edison Cardoso Linsⁱ

É o título de um livro referendado pelo Plano Nacional de Leitura e aqui recomendado. *Sabor de Maboque*¹, conta a história da autora Dulce Filomena Martins Tavares Braga. Surge, abrindo espaço para memórias acumuladas, quando em 1996, no Brasil, ao chegar da aula da yoga, na porta da garagem, encontra um bilhete do filho Joaquim, dizendo que tinha deixado uma surpresa para ela. Ao entrar em seu quarto, é surpreendida pelo cheiro inconfundível de Maboque uma fruta de Angola, sua terra natal. Dulce, assim como sua família, pai, mãe, irmãos, tios e primos, num total de onze pessoas se exilaram no Brasil, fugindo da guerra civil que precedeu a libertação de Angola. Trata-se de um romance autobiográfico no qual continente africano é o cenário. Nessa perspectiva o Maboque, é importante personagem.

Uma saborosa, por vezes dolorida narrativa. E das primeiras às últimas páginas uma emocionante leitura. As ricas e densas experiências narradas nos leva a pensar nos sabores e nos aromas da infância - aqui de dimensão atemporal - visto que são elementos afetivos, daquelas memórias mais profundas que todos temos, que nos identificam para nós mesmos e de uns com os outros. Um jeito privilegiado de saber do outro e, assim, sabermos também de nós. E, no caso, identidade cultural. Da real e misteriosa conexão Brasil-África, mais precisamente, Angola. E assim reencontramo-nos, no sabor de uma fruta significativamente emblemática. Ler para sentir. Além desse aspecto, do intimismo de relatos das ricas

¹ Blog: www.sabordemaboque.blogspot.com

experiências pessoais, é também uma obra importante, nesses tempos em que há o relevante desafio a ser transposto, o de trazer a África, continente irmão, para o lugar que é dela, para um Brasil diverso. A África nas escolas, na História, na Literatura e todas as direções. É nessa perspectiva que a autora tem ido às escolas de ensino médio, falar da obra, das suas memórias, de história, de literatura e de sabores e aromas, de lutas, que nos marcaram a vida. No caso, a vida dela, e de todos nós, em diferentes momentos e formatos. Maboque, fruto amarelo, que costuma aparecer sempre depois de muita chuva, casca dura, sementes de cor castanha, agridoce. Nas extremidades dos seus ramos, crescem cachos de flores branco-esverdeadas. No início, verdes, e ao amadurecerem mudam para a cor amarela. No interior do fruto, as sementes compactadas estão rodeadas por uma carnuda pasta comestíveis. É o sabor desse fruto, o Maboque, que inspira uma obra que merece ser lida, e divulgada. Um livro que traz informações, aprendizado, novidades expõem dimensões da nossa ancestralidade. Sua autora, Dulce Braga, é parte do conjunto de milhares de graduados pela UNICAMP que, agora em 2017, completa 51 anos.

Para melhor compreensão do romance, é preciso considerar que após a Revolução dos Cravos, em Portugal, Dulce Braga, nascida e criada em Angola, passa as férias grandes na chamada metrópole. Naquela vez em clima de grande movimentação, prenúncio do que seria a sua existência dali em diante. Ao regressar à Angola, ainda colônia portuguesa na África, momento precedente de uma guerra civil, situação que deixam-na insegura em relação ao que aconteceria quanto ao primeiro amor, a família e pela sua situação socioeconômica confortável. |E três décadas depois a vida, naquilo que achamos ser – e é - exclusivamente nosso, a motiva para um resgate das suas raízes. Metaforicamente na abertura da mala de cânfora, onde guardara as memórias da terra natal. Surge assim um Diário da luta pela sobrevivência no seu intenso percurso da vida. E exatamente como está na apresentação do livro “o dramatismo das experiências vividas com episódios pitorescos e anedóticos, conferindo à narrativa um sabor agridoce único, um sabor de Angola, o inconfundível sabor do maboque.” Fruto de sabor agridoce. O afeto com tristezas.

O relato é verídico. Mescla várias coisas em meio a guerra civil que, como em todas as guerras provocam naqueles que se vêm em tal cenário, de forma direta ou indireta. E provocam mudanças, no caso, involuntárias, que acontecem junto com as inerentes mudanças da visão de mundo. E nesse processo Dulce veio para o Brasil, a menos de dois meses do dia da independência de Angola (11 de novembro de 1975). Logo perdeu o sotaque do português característico de seu país natal. Assim, no Brasil, ninguém percebia ser estrangeira. Dulce, conclui que foi “a maneira pragmática que inconscientemente usou para não ser questionada sobre sua origem e não mexer nas feridas que começavam a cicatrizar.” Em 1976 começa a cursar Economia, na UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas). Cinco anos depois, casada e empresária do ramo de confecções, mergulhou, segundo ela, na grande missão de sua vida, a maternidade, com o nascimento dos filhos, Gabriela (1985) e Marcelo (1989), que para ela, vieram a se transformar nos grandes responsáveis pelo reflorescimento das memórias de sua meninice africana, por tantas vezes tema das histórias que lhes contava antes de adormecerem. Memórias presentes em Sabor de Maboque.

Trinta anos depois o personagem por ela adotado para viver no novo país, que tão bem a acolheu é instada, no mais positivo sentido do termo, pelo marido e seus filhos para que escrevesse sua experiência de vida. Desencadeia-se assim uma etapa de resgate das memórias em várias direções, isto é, olfativas, gustativas, sonoras, visuais, sobretudo emocionais. A erupção desse enorme vulcão provoca uma profunda catarse e finalmente ela dialoga em paz com o seu pedaço por tantos anos amortecido.

O livro traz reflexões sobre os impactos importantes que o ser humano sofre com uma guerra. Em dimensões materiais e emocionais. A autora conta parte de sua vida (infância e adolescência) na África, mais precisamente em Angola, na época uma colônia portuguesa. E da vida no Brasil. País acolhedor. Também para os refugiados de hoje, de um mundo sem lógica em que as guerras trazem danos, tirando-lhes o chão.

Conta ela “... sobre sua rotina em um colégio interno, com uma disciplina rígida e por vezes burlada pelas internas, que utilizando um espelho faziam sinais para os rapazes que estudavam no Liceu.” Dulce foi interna aos dez anos, e por volta dos 14 anos conheceu através de seus primos Pedro, também estudante e começaram a namorar. Tarefa das mais difíceis para quem era interna do colégio. Em uma das ocasiões Dulce, falta ao encontro porque estava muito gripada, Pedro junto com seus primos faz uma serenata para ela. Como estava na enfermaria as freiras, não identificaram para quem estava acontecendo a serenata, mais as meninas do colégio sim, isso a tornou popular no colégio. Em meio as suas aventuras adolescentes, a situação política em Angola começa a dar sinais da deflagração eminente de uma guerra civil. Os confrontos entre UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola), MPLA (Movimento Popular pela Libertação de Angola) e FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola) estavam mais acirrados. E a vinda para o Brasil, foi um certo acaso. Uma da parente que estava no Brasil, comenta com uma amiga sobre a aflição de seus familiares, e esta mesma amiga intercede junto a autoridades da Varig e providencia o retorno de todos. Muito rapidamente, Dulce se adapta ao jeito de viver dos brasileiros. E quando seu filho Joaquim, lhe dá o Maboque, se permite dividir com todos, suas raízes, suas lembranças, seu apego a família e os horrores da guerra.

Dulce conta o que viveu no período de guerra em Angola, seu país de origem. As tormentas que viveu com a família tentando refugiarem em Portugal e acabam vindo para o Brasil. Sabor de Maboque.

A guerra civil angolana, década de 1970, expressa-se, como guerra, em outros cenários atuais, retratadas por outros escritores. O texto de Sabor de Maboque é rico em palavras africanas e estabelece parceria com textos de Mia Couto nas cenas de guerra tão gritantes em suas obras.

Observa-se que algumas palavras em português (de Portugal) também surgem na obra, aparentemente de forma aleatório. Só que não. Aparece "pa" (cara)Portugal. O mesmo "pa" que é cantado por Chico Buarque na canção. Tanto Mar.

O livro em pauta foi lançado em resposta aos pedidos da família. Sabor de Maboque teve sua primeira edição esgotada em janeiro de 2010.

Em agosto de 2010 teve o privilégio de ver sua obra aprovada pelo Ministério da Cultura brasileiro através da lei Rouanet.

No início de 2011 após várias palestras em escolas públicas privadas e já com a terceira edição à venda nas livrarias, teve o Sabor de Maboque adotado como leitura obrigatória para os alunos do oitavo ano do Colégio Rio Branco de Campinas.

Em Maio de 2011 recebeu da Câmara Municipal de Campinas o Diploma do Mérito Literário. Há outras produções literárias da autora, todas vale a pena conhecer. E ler. Comece pelo Sabor de Maboque. Em 2012 foi lançada a quarta edição dessa obra.

A obra é direcionada para todo o tipo de leitor, pois trata-se de uma literatura nacional.

Sobre o resenhista

ⁱ Funcionário de carreira na UNICAMP. Graduado em letras pelo Instituto de Estudos da Linguagem (UNICAMP). Mestrado em Educação pela Unisal, concentração em Educação Sócio-Comunitária. Assessor na Coordenadoria Geral da Universidade Estadual de Campinas e Coordenador do SIMTEC – Simpósio dos Profissionais da UNICAMP. E-mail: edison@reitoria.unicamp.br

Submetido em: 26/09/2017

Aprovado em: 29/09/2017